

## Por Deus e Pelo Rei

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE\*

**E**m *Dactas e Fatos para a história do Ceará*, o Barão de Studart, registrando o dia 16 de junho de 1614, anota: “chega ao Ceará um navio francês, sob o comando de Du Prat, trazendo trezentos homens para a colônia do Maranhão e doze missionários capuchinhos entre os quais o comissário frei Agatângelo de Pembrock. Du Prat manda à terra 80 de seus homens, que são repelidos pela gente do presídio ou fortificação, entusiasmada pelas prédicas e pelo valor do padre Baltazar João Correia”.

O Barão Studart transcreve, em latim, uma valiosa correspondência travada entre o padre Baltazar Correia e o frei Agatângelo de Pembrock.

Em “Os Franciscanos no Maranhão e no Grão-Pará”, Maria Adelina Amorim esclarece com minúcias a presença dos missionários capuchinhos franceses em terras maranhenses, considerados os pioneiros na evangelização dos nativos, destacando o frei Arcângelo de Pembroke (sic), comissário da Ordem, vindo no novo contingente sob o comando de Du Prat, haja vista que a missão dos franciscanos fora ressaltada na proclamação de 01 de novembro de 1612, no Forte de São Luís do Maranhão, quando se fundou a França Equinocial: “quaisquer que sejam as qualidades e condições, que tenham, sirvam e honrem a Deus; que guardem os santos mandamentos; que não blasfemem em seu santo nome, sob pena de multa e punições corporais; ordenamos a todos, a quem quer que seja, que honrem os reverendos padres capuchinhos, enviados por Sua Majestade a fim de implantarem entre os índios a Religião Católica, Apostólica e Romana; ordenamos que ninguém, qualquer que seja a condição, embarace ou perturbe os ditos capuchinhos no exercício da religião ou de sua missão de conversão das almas dos índios, isto sob pena de morte”.

---

\* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Permito-me, graças à prestimosidade do nonagenário e virtuoso frei Roberto Magalhães, OFM-Cap., em Fortaleza, transcrever para o vernáculo a correspondência dos dois religiosos:

***Do Padre Baltazar João Correia:***

*“Glória ao Senhor Pai e ao Filho que ressuscitou dos mortos e ao Paráclito pelos séculos dos séculos Amém.*

*Caríssimos e Reverendíssimos irmãos.*

*Tomado de surpresa, não posso deixar de escrever-vos, tomando-vos sabedores da injusta guerra travada pelos vossos soldados contra mim e meus filhos.*

*É próprio de todos os religiosos promover a paz e não a guerra. Se ficastes em paz no vosso navio, os vossos soldados aqui vieram travando a mais terrível guerra contra nós. Enquanto eu dormia, eles ocuparam o forte. Mas, se vierem de novo encontrar-me-ão vigilante. Entre mim e eles originou-se então, uma pequena luta; eu sozinho com dois indígenas adolescentes, pois os outros estavam completamente embriagados. O comandante saíra rumo à outra parte da margem com os soldados lusitanos; esperava que os vossos, descendo das barcas, se apossassem do litoral. Logo que estes voltem, irei imediatamente a seu encontro com grande ruído, isto é, com flechas e escopetas.*

*Desejo que nada ignoreis a respeito dos usos dos meus soldados, ou melhor, sabeis o que já é bem notório: o meu povo indígena combate naturalmente nu, sem couraças, sem escudos, mas só com flechas. Uma delas, na pequena luta, atravessou o braço de um dos vossos; outro foi derrubado por terra pelo meu bastão; um terceiro, sem ter arnês correu a toda velocidade.*

*Foi isso o que aconteceu durante o meu semisono. Mas se eu estivesse preparado e os outros soldados com o comandante estivessem presentes, talvez todos os vossos oitenta fossem agora objeto da vossa saudade.*

*Assim o vosso grande navio estaria mais leve. Não obstante, a vergonha deles foi enorme, porque, sendo tantos, foram obrigados a fugir de tão poucos, voltando a esconder-se no navio com dois gravemente feridos. Disso os vossos são testemunhas. Interrogai-os e pelos ferimentos os conhecereis.*

*Sou um sacerdote de verdade e não procuro a guerra. Mas se me desafiarem na luta corporal, deixarei de lado o sacerdócio. Por Deus e pelo rei considero pouco dar a vida.*

*Acabais de ver como, para qualquer circunstância, estou preparado com os meus lusitanos e indígenas aos quais todos os dias, por duas vezes, instruo na doutrina evangélica.*

*Gostaria, entretanto, de ter um encontro pessoal, somente nós como verdadeiros irmãos da Igreja, para nos confessar (para mim não existe algo mais útil) e, se houver mais alguma coisa a tratar, marcai para mim um bom lugar e hora. O Deus ótimo e máximo esteja entre nós.*

*Gaiana (sic), 16 de junho de 1614.*

*Vosso indigníssimo servo no Senhor Jesus.*

*Padre Baltazar João.*

*(Por mãos próprias dos frades gauleses, se porventura se encontrarem na nau gálica)”*

### ***Resposta de Frei Agatângelo de Pembrock:***

*“PAZ E SAÚDE NO SENHOR!*

*Caríssimo irmão em Cristo,*

*Conhecendo a tua intenção, não quero retardar a resposta. Antes de tudo, desejo assegurar-te que aqui estamos não para fazer guerra, mas para trazer a oliveira da paz.*

*E já que o tempo não permite demorar-me aqui, respondo: queiras, dentro de três ou quatro horas, vir aqui confiantemente. Então, poderemos falar face a face. Enviarei o nosso bote. Não percas tal oportunidade.*

*Talvez Deus nos tenha enviado aqui para realizar a tua salvação. Espero viajar amanhã bem cedo.*

*Apressa-te, portanto. E não temas. Somos religiosos capuchinhos da Ordem de São Francisco.*

*Nossa fidelidade é conhecida no mundo inteiro. Até logo, caríssimo, até a hora do nosso encontro.*

*De novo, adeus! Escrever-te-ia mais, se o tempo permitisse.*

*16 de junho de 1614.*

*Com muita deferência, teu irmão e servo em Cristo.  
Frei Agatângelo, Comissário Provincial da Índia Ocidental. Capuchinho da Ordem de São Francisco.*

*(Ao Muito Reverendo em Cristo, irmão Sacerdote espanhol, Baltazar João, residente entre os índios do Ocidente).”*